



## 1984: Arquétipos E Exercício Do Poder<sup>1</sup>.

Allan de Macedo Maués<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

“Para o passado ou para o futuro. Para uma era em que o pensamento é livre. Da era do Big Brother, da era da polícia do pensamento, de um homem morto, saudações.”  
Winston Smith<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta uma análise do filme 1984 explorando aspectos imagéticos a partir do tema central que é: a utilização de arquétipos para o exercício de poder e sua importância para o desenrolar do enredo central do filme. Para contribuir com a análise faz-se uso da abordagem dos temas da morte do sujeito e da tradução intersemiótica, estudados por Walter Benjamin e Julio Plaza, respectivamente, além das apresentações de relações intertextuais da história com outro filme e com a própria realidade.

**Palavras-Chave :** 1984; Arquétipos; Poder.

### Introdução

O trabalho que se apresenta a seguir é resultado da disciplina Comunicação e Literatura. Tem como objeto principal de estudo o filme 1984<sup>4</sup> e algumas de suas intertextualidades. O objetivo geral do artigo é mostrar, através da análise de um aspecto do filme, sua importância para o enredo, as suas formações discursivas, com a utilização de outros textos que serviram como material de estudo intertextual em relação ao filme.

O aspecto selecionado para a realização deste trabalho trata da utilização dos arquétipos, que externam o que antes fazia parte do imaginário coletivo, como forma de exercício de poder, fazendo uso de conceitos de Jung sobre a questão do imaginário coletivo e como isso pode ter influência no aparecimento de regimes como o que é

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao GT Audiovisual, do VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) – allan\_maués@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Trecho extraído do texto escrito por Winston – personagem principal do livro 1984 e do filme homônimo – em seu diário.

<sup>4</sup> Filme de 1984 baseado na obra homônima de George Orwell, escrita em 1948.



retratado no filme e no livro *1984*. Para chegar a tal reflexão será feita uma breve introdução no que tange ao assunto da narração do filme, além da questão da tradução intersemiótica que ocorre ao se transportar uma história antes pertencente ao plano escrito para o plano audiovisual, que servirá como ponte de lançamento para que o assunto principal do artigo seja analisado.

Ao longo do trabalho serão dados exemplos que serviram de apoio intertextual para o desenvolvimento do trabalho, o que inclui textos fictícios baseados no livro *1984* e outros textos por assim dizer pertencentes a nossa realidade.

### **Winston E A Morte Do Narrador**

Vemos na figura de Winston Smith, personagem principal da história escrita por George Orwell um ser pobre na capacidade comunicativa, muitas vezes incapacitado de transmitir o que pensa – na verdade ele não deveria nem pensar, já que o pensamento é um crime dentro do regime do Big Brother<sup>5</sup>. Ele tem durante toda a trama lapsos de memória sobre sua história individual e, de certa maneira, sobre a história coletiva, a história da Oceania<sup>6</sup>. Este é um traço fundamental que deve ser pensado ao se levar em conta o poder que é exercido de cima para baixo pelos dominadores na trama de *1984*.

Os contemporâneos de Winston não conseguem trocar conhecimento. Fazendo um paralelo com a nossa realidade não ficcional, podemos nos recordar do que já foi dito sobre a modernidade e a perda da capacidade de narrar fatos, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994: 198). Pode-se aplicar perfeitamente a citação de Walter Benjamin ao tempo em que vivem os personagens de *1984*, que, dentro de um regime ditatorial, são obrigados a privar-se o máximo possível de experiências de troca de idéias e memórias. Uma representação clara desta ausência da capacidade comunicativa, que passa a ser figurada pela imagem de Winston enquanto aquele que representa todos os seus contemporâneos, é o seguinte trecho extraído do livro *1984*: “Na verdade, não estava habituado a escrever a mão. Exceto recados curtíssimos, o normal era ditar tudo ao *falaescreve*<sup>7</sup>, o que naturalmente era impossível no caso. Molhou a pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor lhe agitara as tripas” (ORWELL, 1948: 10). O trecho demonstra, através da ausência da capacidade técnica, muito mais que isso, mostra o quanto ele estava automatizado, não conseguindo escrever, sentindo um tremor, o que provocará uma escrita tremida no trecho que se segue a este. Esse é o homem de que fala Benjamin, o homem que perde sua capacidade de contar história, que não consegue escrever seu próprio diário. A causa para esta falta de troca de

---

<sup>5</sup> No regime ao qual está submetido o personagem, o ato de pensar constitui um crime denominado *Crimidéia*, palavra escrita em *Novilíngua*, que é a língua que passa a ser implementada a partir da ascensão ao poder do regime em questão. E este regime age sob a égide de um guardião maior, o *Big Brother*, que em português significa Grande Irmão. O *Big Brother* é apresentado ao longo do livro e do filme nos cartazes espalhados pela cidade.

<sup>6</sup> Oceania na história de *1984* é composta pelas duas Américas, as Ilhas Britânicas, Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné e África Subsariana.

<sup>7</sup> Falaescreve é uma máquina que como o nome diz utilizava a voz como comando de escrita, dispensando o uso das mãos.



experiências é bem clara para Walter Benjamin, trata-se da queda das ações das experiências, e percebe-se no enredo de *1984* que essa queda deve-se ao regime.

As experiências interpessoais em decadência levam à falta de histórias para serem contadas, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1994: 201), e já que o narrador não tem mais de onde retirar esta experiência vivida conjuntamente, não são mais passadas às gerações futuras o que as passadas conheceram. Assim, vemos concretizado o ideal do Partido do Big Brother, perpetuando o regime ditatorial. Mas aí encontra-se uma diferença básica da explicação dada por Walter Benjamin no que diz respeito às informações difundidas. Para Benjamin recebemos informações de todo o mundo em compensação somos pobres em histórias para contar (BENJAMIN, 1994: 203), no caso da história de *1984*, as informações são selecionadas e só são dadas aquelas que venham a enaltecer o Partido e o governo, como acontece em qualquer regime ditatorial. Isto está presente em outros textos, como por exemplo, no filme *V de Vingança*<sup>8</sup>, em que aparece bem explorada a questão da mídia manipulada para a manutenção de interesses políticos bem claros. A partir da manipulação de notícias, há a tentativa de esconder a existência do que eles chamam de terrorista, no caso o herói e protagonista do filme, no entanto no desenrolar da trama é a própria mídia que ajuda a difundir as idéias do herói. Mas será que isso é tão diferente assim da realidade vivida? Na realidade não ficcional, pode-se perceber que as informações atendem a interesses bem definidos, a fazer muitas vezes propaganda política e, principalmente, comercial, atendendo às necessidades das grandes empresas de comunicação. O resultado final em ambos os casos, o ficcional e o não ficcional, é o bombardeio de informações sobre as pessoas, notícias muitas vezes falsas e que atendem a interesses específicos.

Portanto, temos a morte do narrador na história de *1984*. E levanta-se, aqui, a idéia de que *1984* se encaixa neste esquema descrito por Walter Benjamin, por se tratar de um romance que possui um fim em si próprio e que não mais como história oral possa ter continuação nas gerações futuras que contribuam com mais elementos para a história. Então, abrindo caminho para o outro aspecto que vai direcionar para o tema principal, nota-se ainda que, há uma tradução intersemiótica: transporta-se das páginas de um livro para as telas do cinema uma história, e quais seriam as implicações disso?

### **Tradução Intersemiótica: Das Mentis Ao Mundo Externo**

Primeiramente deve-se pensar no transporte de algo do plano da escrita para o plano do audiovisual. Este transporte implica forçar o leitor/espectador a não imaginar mais. Ao ler era necessário um esforço de visualização do que antes estava escrito; com a tradução para a linguagem do cinema, é como se assistíssemos a uma leitura de alguém, no caso a leitura do diretor do filme ou do roteirista. Sobre o assunto, Julio Plaza, fala da tradução intersemiótica no plano interior, que seria a que nós fazemos ao nos deparar com um signo, passando a vê-lo como observador, criando uma cadeia semiótica ao desenvolver sentidos a partir deste primeiro signo. E fala da tradução em âmbito externo, de emissor

---

<sup>8</sup> V de vingança é um filme de 2006 que possui influências claras da obra aqui estudada, principalmente no que tange a história do livro.



para receptor: “Neste caso, o pensamento, que já é signo, tem de ser traduzido numa expressão concreta e material de linguagem que permita a interação comunicativa” (PLAZA, 1987: 18-9). Portanto, temos aí o plano de fundo para tratar desta idéia da tradução de um texto escrito para o cinema. Percebe-se que se torna necessária a existência de um suporte que consiga transmitir o que está no plano do pensamento, seja do roteirista, seja do diretor do filme. É exatamente a idéia que já foi falada sobre aquilo que é projetado na tela ser uma leitura do diretor, ser uma tradução semiótica do diretor para um signo que ele mantinha em seu plano do pensamento.

Levando em conta este fato, faz-se agora uma interpretação comparativa, pois tendo em mente a idéia da tradução intersemiótica ser um signo que só pode ser externado com o auxílio de uma base material, mantendo um olhar sobre o enredo do filme e suas características, pode-se comparar a tradução intersemiótica descrita por Plaza com a idéia de uma tradução do plano do imaginário coletivo de idéias latentes para o plano da realidade física no que tange ao regime ditatorial presente no filme. Por assim dizer, havia idéias presentes nas mentes das personagens que permitiram a ascensão ao poder dos dominadores, graças à possibilidade de terem encontrado uma base sobre a qual apoiar as idéias antes presentes apenas no plano do inconsciente coletivo<sup>9</sup>.

Portanto, esta breve introdução une-se à idéia do narrador como aquele que transmite idéias e pensamentos acumulados através da experiência e que está em decadência na trama do filme, representado pela figura de Winston, demonstrando o apagar da própria memória individual que se confunde à coletiva<sup>10</sup> como se percebe no trecho extraído do livro *1984* a seguir: “Tentou encontrar na memória uma recordação infantil que lhe dissesse se Londres sempre tivera aquele aspecto (...) Mas era inútil, não conseguia se lembrar: nada sobrava de sua infância, exceto uma série de quadros fortemente iluminados, que se sucediam sem pano de fundo e eram quase ininteligíveis” (ORWEL, 1948: 7). Essa infância de que trata o texto seria a “infância” da humanidade, sua história, sua experiência que começam a ser apagadas. Revelando este aspecto do apagar memorial, revela-se o acender da inconsciência coletiva, que é apropriada pelos dominadores e utilizada com fins dominadores, demonstrando o exercício de poder. Esse juntar de idéias abre o caminho para a análise que se segue sobre a importância da utilização de idéias latentes na coletividade como propaganda de um governo ditatorial, suas implicações e suas estratégias.

### **Os Arquétipos E O Exercício De Poder**

Na mente dos cidadãos de Oceania, após uma grande destruição teria surgido em meio a tantas

---

<sup>9</sup> Inconsciente coletivo segundo o conceito de psicologia analítica criado por Jung, é a camada mais profunda da psique humana. Ele é constituído pelos materiais que foram herdados da humanidade. É nele que residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos.

<sup>10</sup>A memória coletiva é um termo criado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs e defende que a memória é partilhada, transmitida e também construída pelo grupo ou sociedade, distinguindo-se da memória individual.



outras idéias, como esperança e descrença, a idéia latente da necessidade de alguém que seria o salvador da nação, alguém que colocaria em ordem tudo o que estava destruído e desordenado. Surge, então, um herói que executaria esta função de re-instaurador da ordem, temos assim a presença do arquétipo do herói. Esta informação deve ser guardada para ser reapresentada mais à frente, já que antes disso faz-se necessária a explicação da idéia de arquétipo e inconsciente coletivo, conceitos desenvolvidos pelo psicanalista Carl Gustav Jung.

Segundo os trabalhos do Dr. Jung, pode-se perceber no conceito de arquétipo a referência clara a algo que antes era latente e agora é externado: “o arquétipo não é uma imagem, mas particularmente uma tendência para formar uma imagem de caráter típico; em outras palavras um modelo mental tomado visível” (JUNG apud CARDOZO, 2005: 6.). Então, tem-se no inconsciente de uma nação arrasada por guerras a necessidade do surgimento de um herói e este herói, no caso da história de *1984*, é o Big Brother.

A idéia geral de um Cristo Redentor pertence ao tema universal e pré-cristão do herói e salvador que, apesar de ter sido devorado por um monstro, reaparece de modo milagroso, vencendo seja qual for o animal que o engoliu (...) A figura do herói é um arquétipo, que existe há tempos imemoriais.(JUNG, 1996: 72-3).

No caso, temos a representação do herói na imagem de Cristo, mas pode-se perceber a idéia geral que é a de um salvador que renasce das cinzas, dos escombros, que é exatamente a questão que aqui é tratada na história de *1984*.

Como já foi dito antes, a partir desta imagem pertencente ao imaginário coletivo, o que faltava para que houvesse a tradução intersemiótica era um suporte material, e este suporte aparece através de vários exemplos ao longo da história, o que resulta na dominação do governo sobre os cidadãos. Como exemplo primário da utilização dessas idéias no plano externo, temos a seqüência dos Dois Minutos de Ódio. Nesta cena, aparecem os personagens todos reunidos em uma sala de exibição, onde é passado um filme de dois minutos que apresenta o grande inimigo do Estado: Emmanuel Goldstein. Nesta cena, apresenta-se então o surgimento de outro arquétipo que serve como respaldo para que exista o herói que é o arquétipo do vilão, do inimigo do herói. Emmanuel Goldstein era um membro que se revoltou com as medidas tomadas pelo Big Brother e passou então a agir contra ele, fazendo contra-propaganda e dissuadindo seguidores do regime das idéias impostas pelo partido. Então, como primeira estratégia identificada, pode-se perceber que o suporte do cinema nesses dois minutos de ódio serve para criar uma imagem de que existe um mal a ser combatido e, por isso, o regime não pode ser abandonado. Ou seja, apropria-se de uma idéia pertencente ao imaginário e aplica-se a algo real. Mas real até que ponto, pois na própria história do filme não há a confirmação de que Emmanuel Goldstein ainda esteja vivo e atuando com sua *Résistance*. Percebe-se isto no trecho do filme em que Winston pergunta a Julia se a *Résistance* realmente existe, ela responde que não, mas permanece a dúvida. Na realidade não se sabe nem se o próprio Big Brother ainda existe. Conclui-se, então, que são criados símbolos baseados nas figuras de seres humanos a partir dos arquétipos, revelando que por mais que o Big Brother ou Emmanuel Goldstein, enquanto seres de carne e osso, não estejam mais vivos, o que realmente permanece viva é a ideologia que domina e que precisa destas imagens coletivas para poder se manter.



Uma relação intertextual que pode ser estabelecida diz respeito a nossa realidade não ficcional. Durante o regime nazista, a imagem do grande inimigo foi atribuída aos judeus. Primeiramente, temos uma Alemanha arrasada pela guerra, uma nação sem esperança, a não ser, é claro, no âmbito do imaginário coletivo exatamente quanto a idéia do herói. Então, o partido nazista explora a idéia da necessidade de reerguer o país, fazer a nação alemã se reconstruir, e assume esse papel de salvador, na figura de Adolf Hitler. A partir do momento em que se tem o herói, falta um vilão e, no caso, a imagem vilão acabou por recair sobre uma nação inteira, os judeus, resultando no holocausto. Claro que neste processo entraram outros elementos de imaginário, como o nascimento do Terceiro Reich, a idéia dos judeus como aqueles que estavam tirando toda a riqueza do país, mas vê-se claramente a relação entre a realidade e a ficção no âmbito do imaginário e dos arquétipos.

Outro fato importante no filme que ressalta esta idéia do simbolismo criado em torno destes arquétipos é o de quem age em conjunto com Emmanuel Goldstein. Na verdade, nem os próprios cidadãos sabem que estão agindo contra o governo, como na cena em que Winston se encontra capturado pela polícia do pensamento e chega à cela também seu antigo vizinho Parsons. Este diz que ainda bem que foi descoberto a tempo e que nem ele próprio sabia que estava agindo em conjunto com a *Résistance*. Logo, examinando este fato tira-se a conclusão de que os cidadãos de Oceania viviam na verdade repreendidos por serem eles próprios os inimigos do Estado pois o que é chamado de agir em conjunto com Goldstein pode ser o simples ato de pensar, o que constitui o crime do pensamento, tão ressaltado na história. Ou seja, eles são Goldstein mesmo que este não exista, pois se faz necessária a existência desta imagem para que se possa exercer o domínio sobre eles. Aqui apresenta-se a idéia exposta por Michel Foucault: “O poder deve ser analisado como algo que circula ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede.” (FOUCAULT, 1981: 183). Portanto, o poder só pode ser exercido e não possuído, logo faz-se necessária a criação de uma série de artifícios que, através do exercício, garantam a dominação.

Outra técnica seria a questão da lembrança que se interliga diretamente com a questão do narrador que morre juntamente com as memórias que se esvaem, exploradas no início do texto. Winston representa a nação, e ele não tem lembranças de sua infância. Uma cena interessante tratando da questão da lembrança se dá quando Winston e Julia estão no quarto e Winston recita um verso e Julia o complementa sem saber de onde se lembra daquilo, nem por que se lembra. Fato que se conecta ao filme *V de Vingança* no seguinte ponto: no início da história de *V de Vingança* o protagonista recita uns versos que retratam uma data importante que vem sendo esquecida pelo povo, com toda a sua relevância histórica e simbólica. Percebe-se, então, uma relação intertextual entre os dois filmes, pois ambos possuem uma relação com a poesia provavelmente de origem popular e de transmissão oral que trata de algo que vem sendo esquecido, ressaltando assim as colocações de Walter Benjamin quanto à perda da transmissão oral, da narração. E é essa perda aqui novamente abordada que resulta graças ao esquecimento, numa supervalorização do herói representado na figura do Big Brother.

Há ainda bem marcado, durante a história, outro tentáculo do governo Ingsoc<sup>11</sup>, que seria a presença de cartazes com a imagem do Big Brother e os seguintes dizeres: “Big Brother Is Watching

---

<sup>11</sup> Ingsoc é uma sigla que quer dizer Socialismo Inglês.



You”, dos quais uma das traduções pode ser: “Big Brother está vigiando você”. Ressalta-se aí a idéia de que em qualquer lugar que os cidadãos de Oceania estivessem estariam sendo vigiados pelo Grande Irmão, pelo partido, que age de forma repressiva. Outra tradução possível seria: “Big Brother zela por você”, que ressaltaria o caráter protetor do herói que vem em socorro de seu povo. Ou seja, o regime ao mesmo tempo em que zela, vigia e pode punir. Este sistema relaciona-se inteiramente com o sistema de prisão panóptico, no qual havia uma torre central que podia vigiar todos os lados da prisão (FOUCAULT, 1996: 177). Logo, o Big Brother está em todos os lugares, também através da Teletela, um aparelho que transmite e captura a imagem de todos os habitantes.

Voltando à questão da lembrança, o ser humano muitas vezes transporta para o inconsciente imagens que não são necessárias para dar lugar a fatos importantes no consciente.

‘Esquecer’, neste sentido, é normal e necessário para dar lugar na nossa consciência a novas idéias e impressões. Se tal não acontecesse, toda a nossa experiência permaneceria acima do limiar da consciência e nossas mentes ficariam insuportavelmente atravancadas (JUNG, 1996: 37).

Portanto, a partir desta citação de Jung, pode-se vislumbrar certas idéias, como esse esquecer do consciente acaba aparecendo na história de maneira a prejudicar os cidadãos de Oceania. Eles esquecem o seu próprio passado graças à intromissão do Estado em suas vidas. Transportam para o inconsciente sua própria história, falando de uma maneira mais ampla, e esse passado histórico acaba por aparecer em relances e sonho:

Não são, de modo algum, “resíduos” sem vida ou significação. Têm, ao contrário, uma função e são sobretudo valiosos (...)Constituem uma ponte entre a maneira por que transmitimos conscientemente os nossos pensamentos e uma forma de expressão mais Primitiva (...)E é esta forma, também, que apela diretamente à nossa sensibilidade e à nossa emoção. Essas associações “históricas” são o elo entre o mundo racional da consciência e o mundo do instinto”. (Idem, 1996: 47).

E o domínio por parte do regime se dá exatamente nessa lacuna que se abre, mas também a partir da percepção de que falta algo na história. Winston passa a se questionar e a escrever sobre isso, o que acaba por constituir crime do pensamento, que o levará a ser preso.

Outra forma de dominação que pode ser percebida é a falta de lâmina de barbear em Oceania, todos reclamam desta carência. O que pode ser imaginado a partir deste fato é a idéia de que com a falta de lâminas de barbear as pessoas fiquem com um grande número de pêlos, logo isso seria um indicativo para que eles lembrassem que acima de tudo são animais, e animais precisam ser cuidados, orientados, adestrados e este papel de amestrador caberia ao Big Brother e ao partido, orientando mais uma vez a dominação através de demonstrações de poder não muito perceptíveis.

E tratando desta dualidade entre homem e animal, surge uma outra, esta muito ligada a questão dos arquétipos e sua função no filme e no livro: seria a de que dentro da história o vilão é Emmanuel Goldstein, que sendo um símbolo, acaba por remeter a idéia de todos aqueles que simpatizam com suas idéias são vilões. Logo Winston aparece como o vilão, por conspirar contra o partido, mas para os espectadores do filme o vilão seria o Big Brother e seu regime. Enquanto o herói para os personagens no



filme é o Big Brother que reorganizou a nação, para os espectadores o herói é Winston, que perpassa um caminho difícil, cheio de dúvidas e contradições como supõe-se o caminho do arquétipo do herói.

Uma das dificuldades enfrentadas por Winston vincula-se ao fato de sua prisão. Por ter cometido crime do pensamento, Winston é capturado e submetido a longos períodos de tortura. Este fato caracteriza mais uma vez o exercício de poder do regime ditatorial já visto de acordo com o conceito de Foucault. Já que não é possível possuir o poder, o regime não conseguindo mais manter seu domínio através de seus artifícios simbólicos, passa a agir com força coercitiva. E é isso que a tortura de Winston representa, a tentativa de forçar a crença do indivíduo em algo que, para ele, já perdeu todo o valor. Uma cena que ilustra perfeitamente este fato é a pergunta que O'Brien – que aqui representa o Estado e sua força – faz, mostrando em sua mão apenas quatro dedos levantados. Ele pergunta para Winston quantos dedos tem ali e Winston diz que são quatro. Logo depois O'Brien diz que se o partido quiser, ali tem cinco dedos e não quatro. E Winston insiste que ali estão quatro dedos. Então, Winston é torturado cada vez mais, até que diz que ali tem cinco dedos se é assim que o partido quer. Dentre essas torturas, está a tortura psicológica. Winston é submetido, no quarto 101, ao seu maior medo e trauma: ratos. Este medo de Winston é na verdade a representação do medo que todos têm, e acima de tudo é a demonstração da idéia de que o regime possui conhecimento, inclusive, dos medos das pessoas e que pode usá-los contra elas.

Após tudo isso, já próximo ao desfecho do filme, aparece a cena de Winston confessando na teletela, para que todos pudessem ver e ouvir seus crimes, que incluíam coisas nunca praticadas por Winston. Volta aqui a estratégia da comunicação, da massificação de uma idéia para a manutenção da dominação, já vista anteriormente. E este processo comunicacional apresenta-se aqui com o intuito principal de reforçar a idéia da existência de um inimigo visível: Goldstein. E a presença de um inimigo invisível: o pensamento. Assim Winston serve de exemplo, para que todos vejam o que acontece a alguém que trai o regime, além de reforçar a idéia dos arquétipos e da importância do salvador para a nação, fato recorrente em regimes ditatoriais.

Tem-se um desfecho que mostra um herói arruinado e um vilão vencedor demonstrando assim a força que os símbolos possuem. Como alguém consegue permanecer dominador a partir da exploração de uma idéia presente no imaginário coletivo. E ainda a expressão de poder, que se faz quando parece que o símbolo não vai mais funcionar, o dominador consegue dar a volta por cima, realizando a manutenção do que está estabelecido através da aplicação de força bruta, o poder coercitivo. E após isso consegue fortalecer o símbolo antes enfraquecido. Forma-se então um ciclo, um sistema, no qual o regime se aproveita daqueles que ousam desafiar-lo para demonstrar suas aplicações de força e após arruinar estes seres os utiliza como propaganda do regime, reforçando a importância de sua existência, marcando ainda mais a necessidade de gratidão para com o Big Brother e a necessidade de um herói. Winston, na sua confissão, ao final do filme, confirma isso: “Estou aliviado por ter sido apanhado. Eu estava mentalmente transtornado. Agora estou curado”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Trecho retirado da fala de Winston ao final do filme *1984*.



## Conclusão

A influência dos arquétipos para o exercício de poder fica clara depois da análise de apenas alguns aspectos do filme *1984*. Fica bastante visível na estrutura em que se desenrola o enredo, a colocação, idéia por idéia, da questão arquetípica na construção das relações de poder. E ainda como pôde o imaginário coletivo possuir influência tão grande no surgimento de um poderoso regime totalitário, a partir da tradução de idéias do campo do pensamento para suportes materiais no mundo externo.

Fica clara ainda a importância de conceitos como o da morte do narrador para uma melhor compreensão de idéias que são refletidas ao longo do livro e do filme: como o homem representado na figura de Winston Smith vai perdendo sua capacidade de se comunicar e transmitir suas experiências vividas por ele e aquelas que foram vividas pela coletividade, de modo que a perda da memória em meio a esse emaranhado de situações influenciam na possibilidade de dominação por parte de um regime totalitário.

Pode-se tirar ainda proveito, neste trabalho, da questão das relações intertextuais com outros textos ficcionais e, principalmente, com a realidade não ficcional, como foi o caso da relação com o regime Nazista. A importância disto vai mostrar o quanto o autor põe de sua vivência em uma história e o quanto a própria História serve de matéria-prima para o tecer de idéias.

Portanto, este trabalho, acima de tudo, serve como uma breve reflexão sobre os esquemas de poder que são formados baseados em símbolos, e como esses símbolos ganham força e vida próprias, e, principalmente, como através de outras formas de exercício de poder – poder coercitivo – eles conseguem se fortalecer ainda mais depois de uma ameaça, expondo aquilo que não conseguiram mudar apenas com a dominação ideológica. As pessoas “curadas” pelo sistema servem de propaganda do regime.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDOZO, Missila L. *A construção emocional das marcas – O uso dos arquétipos e estereótipos*. Disponível em:  
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17026/1/R0240-1.pdf>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.



\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

### **Referências Audiovisuais**

RADFORD, M. 1984 [DVD]. USA: Atlantic Releasing Corporation / Virgin Films. 1984

Wachowski Brothers. *V de vingança* [DVD]. USA: Warner Brothers. 2006.